



Joe Simpson, escalador e autor premiado do livro *Touching the Void*, foi à Irlanda com o novo Discovery 2003, à procura da melhor pesca à mosca e de um local a que possa chamar casa

Os peixes sempre me fascinaram. Talvez tenha sido a minha infância passada a chapinhar nas águas tropicais e cheias de peixes do Mar do Sul da China, que provocou o início da minha adoração pela água e pelos peixes. Nasci no White Elephant Hospital, em Kinrara, Malásia, onde o meu pai estava colocado como oficial do exército em 1960. Segundo o meu pai, eu era um bebé extremamente feio. Atrasei o meu nascimento em mais de um mês, feliz por poder permanecer envolto no líquido amniótico do útero da minha mãe, e ignorando todos os sinais de que já deveria ter nascido. Esse banho prolongado tornou-me mais roxo e enrugado do que o normal. A minha aventura aquática sofreu um outro revés com a alergia ao calor que rapidamente se desenvolveu no meu rabo, devido ao ar tropical, húmido e pesado. Eu era feio, impaciente e com uma capacidade de berrar fora do comum – não mudei praticamente nada.

Todos fomos bebés de água. Sou o mais novo de dois irmãos e irmãs, e fui rapidamente introduzido à piscina e ao mar. Nadava como um peixe desde o início, sem qualquer medo ou receio.

Não levei muito tempo a aperceber-me dos vultos prateados que se moviam com rapidez à beira-mar, e das formas maiores e de cores brilhantes nas correntes à volta dos corais. Brincando nas poças das rochas, mordiscado por caranguejos, picado por corais venenosos, punha linhas de pesca com isco e atirava pedaços de pão, para ver os peixes das mais diversas cores numa correria para se alimentarem. Depois passei a usar minhocas em anzóis e linhas com mosca à mão, para apanhar presas cada vez maiores. E era sempre o tamanho e a quantidade que me preocupavam, nunca a qualidade. Mas cansei-me deste jogo frustrante, impaciente para apanhar sempre peixe e não querendo aprender o necessário para me tornar num pescador de sucesso. Decidi que pescar era muito aborrecido e, assim, comecei a escalar em vez de pescar. Desenvolvi uma obsessão pelo montanhismo e iniciei uma série de aventuras de pôr os pêlos em pé, em brilhantes picos de gelo, aos quais devo a minha notoriedade.

Senti-me bem no meu regresso a South West Kerry, onde a minha mãe nasceu, na procura das mesmas águas que a alimentaram na sua juventude.

É claro que as montanhas são a nascente de todos os rios, e eu já viajei em alguns dos rios mais famosos do mundo. Rios tão poderosos que apenas estar nas suas margens provocava um nervoso miudinho. Estava uma vez na margem do rio Dudh Kosi, 'o rio de leite', cuja água provém dos glaciares do Everest em Solo Khumbu, e escutei os pesados ruídos das pedras que batiam no seu fundo pedregoso. Desde a Patagónia aos Andes, dos Himalaias ao Karakoram, caminhei para casa por caminhos tortuosos ao longo destes grandes rios e, gradualmente, apercebi-me que alguns deles tinham as melhores águas para pesca do mundo. Os rios sempre me conduziram a casa.

Pescar salmão com mosca é difícil. Durante 30 dias de pesca nos rios da Cumbria, Escócia e Irlanda não consegui mais do que dois puxões na minha mosca. Nunca sequer tive um salmão preso no meu anzol e muito menos a oportunidade de o tentar puxar pelo leito do rio. Tentar apanhar um peixe desta forma parece completamente idiota, uma vez que o salmão apenas veio ao rio para desovar e não irá comer nada durante os meses que aí irá passar. É necessário ter experiência e conhecimento para lançar com uma cana Spey de 4.5 metros, bem como aprender os intermináveis mistérios do rio: ler as águas, seleccionar a mosca e a linha correctas, e andar em silêncio para não assustar os peixes. Poderia passar uma vida inteira a aprender e, mesmo assim, ficaria a saber muito pouco. O que eu precisava era de um perito, um local com muito peixe e um pouco de sorte – na realidade, muita sorte.

O perito era John Quinlan, um jovem de olhos azuis, dono de um negócio de pesca em Kerry, gerido a partir da sua casa, a uma boa distância do rio, do estuário e da beira-mar. Li o seu folheto com uma excitação crescente.

O John especializou-se em pesca à mosca em água salgada e a sua casa situa-se no estuário do Rio Inny. A zona é circundada por montanhas de nordeste a sudoeste, as quais estão divididas por vales que terminam numa costa de escarpas fabulosas, pequenas baías isoladas e belas praias. A Península de Iveragh, mais conhecida por Ring of Kerry, é a massa de terra mais ocidental da Europa; a seguir encontra-se a América, no caso de se ser arrastado para o mar. Iveragh está rodeada por 155.000 hectares de brejos, pantânos, terra turfosa, floresta e montanhas. Quatro mil hectares desta região estão cobertos por lagos e rios com os melhores pontos de pesca de salmão e truta do mar da Irlanda, sendo por isso um paraíso para os pescadores. Lough Currane é seguramente um dos melhores braços de mar para pesca na Irlanda e Lough Derriana é conhecido como a 'jóia' das trutas castanhas em West Kerry. É um dos melhores locais na Europa para a pesca de perca com mosca em água salgada e a costa de Kerry proporciona aos pescadores a melhor oportunidade de pescarem percas de cinco quilos.

A surpreendente variedade de formas de pescar significa que um dia de pesca pode ser preenchido por pesca ao salmão numa pequena embarcação, pesca à perca na praia, pesca nas rochas e pesca à truta do mar no rio. Quando acabei de ler a brochura do John, sabia que tinha que lá ir.

E, acima de tudo, as instalações do John situavam-se em Kerry, um condado muito próximo do meu coração. A minha mãe tinha nascido em Listowel, a algumas horas de distância de automóvel. Eu tinha crescido a ouvir a sua maravilhosa e suave pronúncia Irlandesa, mas tive uma educação tipicamente Inglesa: jogar rugby em campos encharcados e fustigados pelo vento frio em Yorkshire, arbitrar jogos de cricket no verão e adquirir uma pronúncia Inglesa típica das escolas privadas, algo de que me arrependi toda a vida. Viajei à volta do mundo escalando e caminhando por montanhas, trabalhei com pessoas de todas as nacionalidades, raças, crenças e culturas, mas continuo com um vago sentimento de desassossego, uma falta de raízes e a sensação de que dizer que sou Europeu não é suficiente. Eu queria uma identidade. Sabia quem era e sabia também que nunca a conseguiria obter.

Conduzimos pela torneada estrada costeira até à Península de Skellig passando por várias praias que reverbavam com o bater das ondas do Atlântico. Rajadas de vento fustigavam as ondas, deixando amontoados de espuma na linha de água. Os cinco dias seguintes iriam ser os mais chuvosos e ventosos de que havia registo, parecendo que a sorte dos Irlandeses me tinha passado ao lado.

A Lynn e o John vieram dar-nos as boas vindas. Dois rapazinhos de faces rosadas, Stevie e James, um de dois anos e meio e o outro de cinco, seguiram-nos até à cozinha, indo brincar logo de seguida. O fogão de ferro fundido e as portas abertas criavam um acolhimento caloroso, enquanto os troncos de turfa ardiam com fervor. Apetecia-me um whiskey e dois dedos de conversa junto à lareira, e estranhei ter que sair logo de seguida

para ir buscar canas, carretos e redes, e ser conduzido para as margens ventosas do Rio Inny. As trutas do mar estavam a morder, assegurou-me o John, enquanto eu observava com receio as nuvens carregadas e ameaçadoras.

Como sempre, estava um pouco apreensivo com a presença de um perito. À minha frente estava um homem que podia lançar uma linha longa e colocar a mosca a centímetros do local para onde tinha apontado, que sabia mais acerca da arte de pesca de rio do que eu alguma vez sonharia aprender e, quando me entregou a cana com duas moscas para truta do mar atadas com perícia à ponta da linha, amendontei-me ao pensar como seria o meu primeiro lançamento. Apesar de tudo não correu assim tão mal e comecei a lançar para a zona inferior de um lago com águas rápidas. Os meus primeiros lançamentos de sorte depressa de deterioraram e comecei a apanhar todo o tipo de peixe cada vez que lançava.

Quando o avião se inclinou na direcção do Aeroporto de Farranfore, a minha esperança aumentou com a presença das grandes marés da primavera e a migração das trutas do mar. No meu íntimo, tinha fantasiado apanhar o meu primeiro salmão à mosca, um salmão da primavera. Quando chegámos à casa do John a fantasia tinha-se transformado na convicção que pescaria salmões, trutas, percas e salmonetes à mosca.





O mar, disse John, estaria bravo. A água, agitada com areia e algas pela tempestade, tornaria a pesca à perca numa tarefa muito difícil. Os salmónes estariam de férias nas Caraíbas ou abrigados da tempestade. Embora as línguas de mar possam ser locais belos e fabulosos, são igualmente traiçoeiras devido à sua reduzida profundidade e às rochas afiadas junto à superfície. Com a previsão de ventos muito fortes para toda a semana, pescar estava fora de questão.

Ao colocarmos as botas encharcadas, as canas e os carretos na mala do Discovery, lembrei-me das duas coisas que verdadeiramente necessitava para que esta viagem se revestisse de sucesso. Um perito – que era o John – e sorte, que claramente, no que diz respeito ao tempo, não estava do meu lado. Havia, no entanto, boas notícias. O nível da água do rio iria subir. O vento dificultava o lançamento – algo já comprovado por mim ao apanhar o John e o Charlie, o fotógrafo, com o anzol numa tentativa de lançamento – mas pelo menos iria estar cheio de salmão. Se a chuva se contivesse durante a noite poderíamos encontrar um bom local de pesca. Fiquei mais animado. Fui deitar-me após uma generosa quantidade de Black Bush, adormecendo a ouvir a chuva na janela.

A manhã nasceu com algum vento, mas não chovia e havia luz. Quando chegámos ao rio, as nuvens baixas tinham descido das montanhas e a chuva caía a rodos. O John pareceu-me completamente imperturbado, disse que a água estava com bom aspecto e que eu devia tentar uns lançamentos no 'lago' a que me conduziu. Os salmões andam junto à superfície e as trutas do mar junto ao fundo. Ainda não tinha pescado nenhuma das espécies, e ambas tinham que ser pescadas de forma diferente. ▶



Tentar pescar um salmão da mesma forma que se pesca uma truta, é praticamente garantido que este irá fugir. Os conselhos para ‘trazer’ um salmão parecem intermináveis e, de certa forma, contraditórios. O que sabia é que era um erro fatal tentar levantar a cana rapidamente, para fixar o anzol, como se faria com uma truta. A forma mais utilizada parece ser segurar um pouco de linha na mão, um metro no máximo e, quando sentir um puxar surpreendentemente suave na linha, o que significa que o salmão sorveu a mosca, largar a linha na água. A corrente irá puxar ligeiramente a linha, passando pelo salmão, que ainda tem a mosca na boca, e a pressão da água na linha irá por sua vez puxar a mosca, prendendo-a nos maxilares do salmão. Deste modo, se puxar a cana firmemente, a mosca será colocada no local mais seguro da boca do peixe. Teria que ignorar toda a minha experiência de pesca de truta e não puxar a cana bruscamente.

Enquanto lançava, perguntava a mim mesmo se conseguiria ter a presença de espírito e auto-controlo para conseguir distinguir entre as diferentes mordidas a aplicar e as diferentes técnicas para puxar o peixe. Dado que nunca tinha pescado nenhuma das espécies, a minha confiança estava um pouco em baixo. O John estava ao meu lado, a sussurrar-me conselhos ao ouvido enquanto eu efectuava lançamentos consecutivos. Após meia hora de lançamentos medíocres, encontrei um ritmo para a pesca. Estava completamente absorvido, num estado de concentração muito semelhante ao necessário nas minhas escaladas. Mas a zona não tinha peixe. Mudámo-nos para o pesqueiro mais próximo, atravessando a corrente rápida, subindo margem acima e passando por campos encharcados pela chuva.

Caminhava inclinado contra o vento, seguindo o John pelo campo e contente por ter um chapéu de abas largas que me protegia a cara da chuva torrencial. Parámos num crescente de seixos que era um arco numa zona larga do rio que virava para a direita. As águas agitadas borbulhavam ruidosamente enquanto o John me contava os segredos desta zona. ‘Aqui reside a melhor hipótese de pescar um salmão’, disse. ‘Comece a lançar aqui até chegar àquelas rochas a meio do rio, ali’. Apontou para uma pequena ondulação quase imperceptível. ‘Ali há sempre peixe, especialmente com esta profundidade de água’. Eu não partilhava a confiança do John. Sabia que a probabilidade de conseguir pescar nesta altura do ano era muito reduzida e que as condições atmosféricas e o nível de água elevado não contribuíam para o nosso objectivo.

Comecei a lançar e, para minha alegria, a linha estava a sair muito bem e o meu lançamento híbrido, uma combinação entre o lançamento Spey e um lançamento inventado por mim, estava a sair em perfeição. À medida que os meus lançamentos se aproximavam da zona identificada pelo John, comecei a ficar tenso quando pensei se conseguiria superar a reacção instintiva de puxar a cana com violência, tal como um pescador de truta.

‘Muito bem,’ murmurou John quando a minha linha voava por cima da água. ‘Está a sair bem’. Concentrei-me na forma como a linha saía, calculan-

do onde a mosca iria cair. Estava cada vez mais próximo da zona indicada pelo John. Ele tinha acabado de sair do meu lado quando senti o primeiro puxão suave no meu dedo. Não tinha sido uma pedra nem uma folha. Apenas uma breve mordiscadela suave. Um peixe! Um salmão. Reconheci-o imediatamente e de repente, senti-me completamente calmo. Segurei a linha contra a cortiça da cana com uma pressão muito suave do meu dedo indicador, à espera. Após uma pausa prolongada a mordiscadela inquisitiva repetiu-se, aliviei a pressão do dedo e libertei a linha. A linha caiu na água e foi levada pela corrente. Respirei fundo e levantei a ponta da cana, segurando a linha firmemente contra a cortiça. Sabia que se iria embora. Porque que razão haveria de ser diferente de todos os outros no passado.

A linha ergueu-se, e comecei a sentir o peso do peixe, uma sensação de firmeza na cana. Levantei a cana bem alto e coloquei a pressão máxima que me atrevia, de modo a fixar o anzol. Era como se o peixe não soubesse que tinha sido apanhado. Talvez tivesse apanhado um ramo, pensei. A seguir o peixe abanou a cabeça e começou a nadar no sentido da corrente, enquanto o carroto assobiava e eu deixava a linha sair. Com uma calma suprema disse para comigo, ‘temos peixe’. Num instante, o John apareceu ao meu lado.

‘Muito bem,’ disse. ‘Muito bem, agora dá-lhe tempo, dá-lhe tempo. Não é preciso pressa. Há muito espaço para o puxar e se continuar a nadar pelo rio podemos segui-lo até ao mar’. Olhei para os rápidos pouco profundos e calculei o grau de dificuldade de perseguir um salmão obstinado na sua pista de pedras. Segurei o carroto, o que provocou o abrandamento do peixe. Este, por sua vez, virou de direcção e começou a subir contra a corrente.

Abrandei o meu passo e subi a margem de gravilha, puxando a linha enquanto andava. Vi o perfil cinzento do meu peixe enquanto se debatia no meio do rio e senti um salpico quando a cauda voltou a entrar na água e atravessou o leito. Sem sombra de dúvida que era um salmão, e nesse momento sabia que iria pescar o meu primeiro salmão à mosca – e ainda por cima um salmão de primavera.

‘Posso puxá-lo para a margem nesta zona?’ perguntei a John.

‘Sem problemas’, respondeu. ‘Mas com paciência pois ele ainda não está dado por vencido’.

Ainda mal tinha acabado de falar quando a ponta da cana foi puxada para a frente e para o lado e a pressão na linha foi aliviada. Antes que eu pudesse reagir o peixe saltou fora de água efectuando um arco perfeito.

‘Quatro a quatro quilos e meio’, observou John. ‘Bonito peixe, um pouco vermelho, provavelmente está no rio há duas semanas’.

O peixe dirigiu-se para uma zona profunda na margem oposta que tinha sido formada pelas cheias do inverno. Não havia pressa. Eu tinha muito espaço para o ‘trabalhar’. Era apenas uma questão de paciência e em breve estaria na minha rede. Assim que este pensamento de satisfação me passou pela cabeça a linha ganhou novamente tensão. Esquisito? Ter-se-ia





escondido por trás de uma rocha? Puxei a cana com força, sentindo a pressão, tentando adivinhar o ponto de ruptura da linha. E nada. Desloquei-me rio abaixo e fui para a água até à cintura, movendo a cana para os lados tentando puxar o peixe para fora do seu santuário. E foi então que o senti novamente. Quatro puxões firmes na linha. Ainda lá estava mas parecia adormecido.

‘Ainda lá está?’ perguntou John, mais ansioso do que eu.

‘Penso que sim’, respondi. ‘Mas parece-me um pouco estranho. Está a abanar a cabeça mas parece morto. Há algum tronco naquela zona?’

‘Não deve haver’. John parecia preocupado. ‘Vamos tentar mais acima’.

Quinze minutos depois eu sabia que tínhamos perdido o peixe. A linha estava em tensão mas não havia nenhum puxão que indicasse que o peixe ainda lá estava. Entrei mais um pouco no rio, até a água me dar pelo peito, a ponta da cana chegava aonde estava o peixe ou o tronco, dois metros e meio abaixo da superfície. Após mais quinze minutos, o John atravessou o rio mais acima e tentou ver o que estava debaixo da água cinzenta, segurando a cana com firmeza, não fosse o peixe libertar-se.

Por fim um tronco com a espessura de um braço apareceu à superfície, o peixe tinha desaparecido.

‘Que azar’, disse John. Eu estava contente, muito mais contente que John. O primeiro salmão à mosca, e um salmão de primavera, não seria tão importante para o John, já habituado a estas coisas, mas para um pescador inexperiente como eu foi importantíssimo. Tinha apanhado um salmão na mosca, tinha-o puxado e controlado bem. Não tinha feito nada de errado. Senti-me profundamente orgulhoso de mim mesmo. Para mim chegava. Eu sabia que um dia, quando as condições fossem as correctas, conseguiria pescar um salmão à mosca.

Durante os próximos quatro dias pescámos com convicção, arriscando as nossas vidas nos recifes enquanto o peixe mergulhava nas rochas, e quase nos partia as canas. No último dia fomos novamente pescar no Inny e apanhei quatro trutas castanhas e uma truta do mar de um quilo, após uma luta selvagem à luz do pôr do sol.

Não foi exactamente o que tinha imaginado, nunca é. De uma forma estranha, foi melhor. O tempo não ajudou a pesca durante a semana, mas tinha experimentado o suficiente para saber que iria voltar. Nunca irei esquecer aquele salmão a saltar fora de água. Foi recompensa suficiente para centenas de horas de esforço. E foi ali que percebi que era um pescador de salmão. Em cinco dias aprendi mais sobre pesca no rio e pesca com mosca em água salgada do que teria aprendido numa vida inteira a tentar sozinho.

Foi a história do salmão que fugiu, mas o que na realidade me fugiu foram as minhas raízes culturais. Serei sempre um Inglês com sangue Irlandês. Nunca conseguiria mudar: fingir que é possível mudar seria uma negação nostálgica. Mas poderia amar a Irlanda incondicionalmente. Os montes, as línguas de mar e os rios, o mar encapelado, e até a chuva, fizeram-me sentir em casa como nunca tinha acontecido. Foi daqui que eu vim. Esta é a minha terra, o meu país, a minha herança cultural, mas eu nunca a poderia reclamar como minha.

Eu iria voltar ao Inny e pescar novamente. O Rio Inny exerceu uma grande atracção sobre mim desde a primeira vez que o vi. O cheiro do fumo da turfa, o sabor da Guinness e o whiskey com aroma a fumo proporcionaram um aconchego ao espírito. Não foi um peixe que eu trouxe da Irlanda, mas sim uma memória de algo que era meu e que desapareceu no momento em que a minha mãe morreu. ■